

6

Refências bibliográficas

- ANTUNES, António Lobo. *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- ANTUNES, António Lobo. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *O lugar da Arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori, VAINER, Carlos, MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como História da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARGULLOL, Rafael. “A cidade turbilhão”. In: Revista do Patrimônio histórico e artístico nacional. N.23, IPHAN, 1994.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBERO, Jesus Martín. *Ofício de cartógrafo – travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. “O pintor da vida moderna”. In: COELHO, Teixeira. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BAUMAN, Zygmund. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BLANCO, María Luisa. *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A casa subjetiva*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas*. Volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas*. Volume 3. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BRITO, Paulo Henriques. “Soneto Simétrico II”. In: *Macau*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- BRUZZI, Hygina Moreira. *Do visível ao tangível, em busca de um lugar pós-utópico*. Belo Horizonte: Com arte, 2001.

- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer* Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- COELHO, Eduardo Prado. *A palavra sobre a palavra*. Porto: Portucalense Editora, 1972.
- COELHO, Teixeira. *Moderno pós moderno*. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- GOMES, Renato Cordeiro. “A cidade moderna e suas derivas pós-modernas”. In: Revista Semear 4. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- ECO Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-moderno*. Rio de Janeiro, 1991.
- HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- JEUDI, Henri Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Editorial, 2005.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). *Imagem e memória*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- LE CORBUSIER. *Maneira de pensar o urbanismo*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1977.
- LIPOVETSKY, Gilles. “Espaço privado, Espaço público na era pós-moderna”. In: BAUDRILLARD, Jean et al. *Citoyenneté et urbanité*. Paris: Esprit, 1989. Tradução de Alexandre Faria, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1998.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MAY, Rollo. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.
- MARGATO, Izabel. “Lisboa em outro tempo de escrita”. In: Veredas Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2001
- MARGATO, I. GOMES, R.C. *O papel do intelectual hoje*. (organizadores) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- MOLES, A. A. et al. *Semiologia dos objetos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.
- MONTAURY, Alexandre. “Crônicas de Lobo Antunes: Narrativas Estilhaçadas”. In: Revista Semear 7. Ed. PUC-Rio.

MONTAURY, Alexandre. *Testemunho e ficção: os lugares da fala na obra de Antônio Lobo Antunes*. 160 f. Rio de Janeiro, 2004. Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MUMFORD, Lewis. *Arquitetura, construção e urbanismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1965.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Volumes 1e 2. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1965.

NEVES, Margarida de Souza. “O povo na Rua um “Conto de duas cidades”. In: Pechman, Robert Moses (org.), *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2002

ORTEGA Y GASSET, José. *Adão no paraíso e outros ensaios de estética*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PESSOA, Fernando. Poemas de Álvaro de Campos. Edição de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PIGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica da arte e da arquitetura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

QUEIROZ, Eça de. Correspondência de Fradique Mendes. Porta Alegre: L&PM Editores, 2001.

RASMUSSEN, Steen Eiler. *Arquitetura Vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

READ, Herbert. *As origens da forma na arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1967.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

RYBCZYNSKI, Witold. *Vida nas cidades*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RYBCZYNSKI, Witold. *Esperando o fim de semana*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena historia de uma ideia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RYKWERT, Joseph. *A casa de Adão no paraíso*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada*. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALÉRY, Paul. *Eupalinos ou o arquiteto*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

WISNIK, Guilherme. *O risco Lucio Costa e a utopia moderna*. Rio de Janeiro: Bang Bang Produções Ltda., 2004.

WOLFE, Tom. *Da Bauhaus ao nosso caos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. Lisboa: Arcádia, 1977.

7. Apêndice

Os relatos que se seguem são de minha autoria e mostram o quanto é tênue o limite entre realidade, ficção e simulacro nos dias de hoje. São dois exemplos do que vivenciamos, como arquitetos, no cotidiano de nosso escritório.

Segue-se o primeiro relato:

Participamos de uma concorrência para elaboração de um projeto de Interiores para uma sala destinada a pacientes terminais de um hospital. O programa propunha a criação de um ambiente para estar, refletir ou receber familiares para aqueles que não tinham condições de passar seus últimos dias em casa. A proposta, bastante instigante, era um grande desafio pela atipicidade, tanto do Programa de Necessidades, quanto por trabalhar frente à iminência da morte. O resultado teria que transmitir a idéia de casa e intimidade para contrapor a frieza e a impessoalidade que os hospitais nos transmitem (hoje muito mais pelo desconforto causado pelas doenças do que pelos ambientes). Ao conhecermos o projeto vencedor no dia da inauguração do espaço, a surpresa foi grande e até hoje objeto de reflexão e estudos para nós. Segue-se a solução proposta e executada:

Sobre um piso de linóleo serigrafado em estampa verde, sugerindo relva ou grama, um grande painel fotográfico circundava as paredes e mostrava uma cena no campo, com árvores, pedras, céu, sol. Ao fundo deste painel, um pequeno córrego se projetava da foto e *escorria* em queda para uma pequena fonte (real) construída no local e que, acionada eletricamente, produzia a agradável sensação de água corrente. O canto de pássaros era reproduzido também através do acionamento de um botão. Essências e folhas secas emanavam odores silvestres. Enfim, estavam presentes todos os componentes necessários e construídos para a estimulação sensorial...

A presença de falsos sons e falsos cheiros completando uma falsa paisagem, define claramente este ambiente como um simulacro. Será esta maquiagem um recurso necessário para encobrir e negar a presença da morte que é a sombra negra

e real por todos os cantos do hospital? Em todos os cantos da nossa vida? O choque se deu, não só pela real sensação de artificialidade da cenografia, mas principalmente pela reação positiva e deslumbrada dos que ali estavam durante o coquetel de inauguração: não os pacientes, os terminais, mas os médicos, enfermeiros, funcionários e convidados. Seria um espetáculo de vida falsa capaz de seduzir e trazer algum alento aos que de fato necessitavam, ou atendia aos que se acreditam bem longe da morte? Qual a intenção? Acreditamos realmente que tenha sido a melhor possível (afinal um profissional sempre deseja acertar), mas esta conclusão provocou maior preocupação e apreensão, pois denota a completa confusão entre o mundo real e o fantasioso e virtual, e o pior: a perda de referências frente à aceitação incontestável faz pensar: Estamos loucos ou o mundo?

Segue abaixo, o segundo relato:

Um amigo, profissional liberal, que por mais de vinte anos teve seu escritório montado em uma casa centenária no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, talvez movido por *exigências* do mercado ou mesmo numa busca de *upgrade*, comprou uma sala num prédio comercial de um bairro nobre. O edifício, de construção recente debruçada sobre um dos vários cartões postais da cidade, recebeu como fechamento de suas fachadas principais, lâminas de vidro verde, acústico e espelhado para, além de criar transparência, permitir ao usuário o desfrute total do deslumbrante entorno sem ser incomodado pelos sons da cidade. Seus antigos funcionários demoraram a se adaptar aos estatutos do sofisticado condomínio e ao novo espaço, uma típica planta disposta em recepção, banheiro e sala. Ao encontrarmos o amigo alguns meses depois, ouvimos dele a seguinte avaliação do novo escritório: A cor do vidro (verde) altera o colorido natural da magnífica vista, e a privacidade conquistada pelo vidro espelhado é invadida ao anoitecer, quando as luzes internas se acendem transformando as salas em vitrines. Ao mesmo tempo, o silêncio total conseguido provoca, a um só tempo, a perda de referências comuns, como o burburinho urbano e a conseqüente amplificação de qualquer som interno. Nas palavras do nosso amigo: antes as buzinas e freadas dos ônibus eram ouvidas entre vozes e passarinhos e agora somente o barulho ensurdecido do silêncio tumular e dos sons internos.

Esses dois exemplos, que são lamentavelmente reais e a cada dia mais comuns, parecem ilustrar as ficções criadas por Lobo Antunes, o que torna evidente a conclusão de que seus textos transparecem o que, a muito custo,

desejamos esconder: a vida, com seus ambientes interiores, exatamente como ela é.